

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JHALIAN ESTER FERNANDES DE SOUZA

**A PEDAGOGIA E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA NO
CONTEXTO HOSPITALAR**

**Manaus – AM
2021**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S729p Souza, Jhalian Ester Fernandes de
A pedagogia e o desenvolvimento integral da criança no
contexto hospitalar / Jhalian Ester Fernandes de Souza.
Manaus : [s.n], 2021.
38 f.: il.; 29 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.
Inclui bibliografia
Orientador: Santos, Márcio Goncalves dos

1. Pedagogia Hospitalar. 2. Educação. 3.
Aprendizagem. I. Santos, Márcio Goncalves dos
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. A
pedagogia e o desenvolvimento integral da criança no
contexto hospitalar

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

JHALIAN ESTER FERNANDES DE SOUZA

**A PEDAGOGIA E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA NO
CONTEXTO HOSPITALAR**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade do Estado do
Amazonas – UEA, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio
Gonçalves dos Santos

Aprovação em: 29 de julho de 2021


Banca Examinadora:



Prof. Dr. Márcio Gonçalves dos Santos - Orientador



Profa. Dra Érica Vidal Rotondano - Membro



Prof. Dr. Raimundo Sidnei dos Santos Campos - Membro

**Manaus – AM
2021**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que em sua infinita benevolência me permitiu chegar até aqui.

Agradeço aos meus maravilhosos pais que souberam instruir em minha caminhada e sempre me incentivaram a persistir e fazer o que sonhava.

Meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado, sendo minha confidente das altas horas quando chegava tarde a casa.

Agradeço a minha família que é base da minha vida, sinônimo de amor, compreensão e dedicação.

Agradeço aos colegas de curso, por tudo que pudemos compartilhar a convivência, as alegrias, as frustrações, as descobertas, enfim pelo que aprendemos.

Agradeço a todos os professores por todos esses anos de transmissão segura e paciente do conhecimento, e pelas palavras de incentivo que me fizeram acreditar na realização deste sonho!

*Aos meus pais, Francinete e Amiraldo, meus irmãos Débora, Arthur e Sara, por me apoiaram
em todos os momentos e acreditaram em mim.*

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

1 Coríntios 13.2

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a prática pedagógica dos educadores no ambiente hospitalar, evidenciando sua relevância no desenvolvimento dessa atividade, pois a Pedagogia Hospitalar vem passando por várias mudanças. Por isso, foi necessário observar se essa prática está coerente com os documentos que rege a Educação Básica. Gohn (2008), Matos e Mugiatti (2008) e Fonseca (2009), foram os principais autores que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho. Os estudos foram essenciais para entender a importância do aspecto social da educação, através das contribuições da educação não-formal. Além disso, a Pedagogia em contexto hospitalar amplia o campo de atuação do professor para fora dos limites da escola. A educação que se faz necessária nesta proposta pedagógica exige do professor o preparo para que se tenha uma formação adequada para atuar nesta área, fomentando a integração escolar, seja qual for o ambiente, favorecendo o bem-estar social e a qualidade de vida das crianças que necessitam de auxílio de profissionais de diferentes áreas: médicos, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais. Do ponto de vista metodológico, tratou-se de um Estudo de Caso, de cunho qualitativo, que teve como instrumentos a observação e o questionário semiestruturado, cujos sujeitos de pesquisa foram uma enfermeira, uma psicóloga e uma professora. A importância dessa pesquisa se dá em virtude de analisar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas dos educadores no hospital.

Palavras-Chave: Pedagogia Hospitalar, Educação, Aprendizagem

ABSTRACT

This paper aims to analyze the pedagogical practice of educators in the hospital environment, highlighting its relevance in the development of this activity, since Hospital Pedagogy has been undergoing several changes, so it was necessary to observe if this practice is consistent with the documents governing Basic Education, through the theoretical framework of the authors Gohn (2008), Matos and Mugiatti (2008) and Fonseca (2009), were the main authors who contributed to the development of the work, the studies were essential to understand the importance of the social aspect of education, through the contributions of non-formal education. In addition, Hospital Pedagogy expands the teacher's field of action beyond the confines of the school. The education that is needed in this hospital pedagogical proposal requires the teacher to be prepared to have adequate training to work in this area, fostering school integration, whatever the environment, favoring the social well-being and quality of life of children. They need help from professionals from different fields: doctors, nurses, psychologists and social workers. From the methodological point of view, it was a case study, of qualitative nature, whose instruments were observation and semi-structured questionnaire, whose research subjects were two students / patients, one child and one adolescent. The importance of this research is due to the analysis of how the pedagogical practices of the educators in the hospital are developed.

Keyword: Hospital Pedagogy, Education, Learning

SIGLAS

CNE/CEB = Diretrizes Nacionais para Educação Especial Básica

ECA = Estatuto da Criança e Adolescente

LDB= A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC = Ministério da Educação

SEESP = Secretaria de Educação Especial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1 SURGIMENTO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL	11
1.1. A PEDAGOGIA HOSPITALAR E SEU PAPEL PRESCRITO NA LEI	13
1.1.1. A LEI Nº 13.716, DE 24 DE SETEMBRO DE 2018	15
1.2. O DESAFIOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NA ATUALIDADE	16
1.3. A IMPORTÂNCIA DA BRINQUEDOTECA PARA A CRIANÇA	18
HOSPITALIZADA	
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
2.1. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA	22
2.2. CARACTERIZANDO A PESQUISA	22
2.3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	23
CAPÍTULO III – DISCUSSÃO E RESULTADOS	24
3.1. O TRABALHO DO PROFESSOR NO HOSPITAL	24
3.2. MAPEANDO A CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR	28
EM MANAUS	
3.3. O PEDAGOGO HOSPITALAR: UMA FERAMENTA A MAIS NA	30
EQUIPE MULTIPROFISSIONAL	
3.4. O PEDAGOGO NO CONTEXTO HOSPITALAR: UM IMPORTANTE	33
COMPONENTE NA INTEGRALIDADE EM SAÚDE	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXO A – OBJETIVO DA PESQUISA	37
ANEXO B – PERGUNTAS DA ENTREVISTA	38

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca investigar a relevância da ação sócio-educativa do profissional da educação, por meio da atuação do lúdico-pedagógico juntamente com as crianças e adolescentes ajudando na recuperação dos enfermos, por conta disso, fica difícil retornar a sua vida social, familiar e escolar, porque na maioria das vezes são obrigadas a permanecer hospitalizadas em tratamento para a recuperação da sua saúde.

Ao pensar sobre a temática da atuação do professor junto com as crianças e adolescentes enfermas, as contribuições que os trabalhos sócio-pedagógicos que são desenvolvidos pelos profissionais de educação podem trazer para a vida dos mesmos, como, continuar os seus estudos escolares, o desenvolvimento global, resgatando o brincar, o lúdico e a alegria de viver das crianças hospitalizadas.

A criança ou adolescente hospitalizado perde a privacidade que tinha, pois no hospital recebe visitas dos médicos, psicólogos e enfermeiros, e ainda dividem espaço com outros pacientes e seus acompanhantes, e por esse motivo, que o profissional de educação junto com a equipe médica e a família tem o papel de auxiliar na melhora do paciente.

Este presente projeto tem como a finalidade, de tratar da Pedagogia Hospitalar tendo como base no atendimento à criança hospitalizada, marcando o objetivo do estudo. Viu-se que o trabalho do professor pode auxiliar na recuperação de crianças e adolescentes hospitalizados, reduzindo, assim, a ansiedade que surge com a internação. Compreendeu-se que a Pedagogia Hospitalar, por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas, previne o fracasso escolar, por ser uma modalidade de ensino da Educação Especial que visa à ação integrada do professor no ambiente hospitalar. Para tanto, é imprescindível que o professor seja um profissional capacitado para atuar na área hospitalar, visto que seu trabalho é de vital importância também na área da saúde, já que contribui não somente na educação continuada, mas, em muitos casos, na recuperação dos enfermos, ampliando, assim, o escopo da pedagogia. Dessa maneira, os resultados obtidos podem contribuir à reflexão acadêmica acerca da relevância das práticas pedagógicas hospitalares, em prol da educação inclusiva dos pacientes internados por meio do processo de ensino.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esse primeiro capítulo tem como finalidade discutir o surgimento a Pedagogia Hospitalar no Brasil, a importância da Biblioteca para a Criança Hospitalizada e a continuidade dos estudos, o contexto das crianças hospitalizadas e o trabalho do professor no hospital. A proposta é desenhar um panorama entre história, políticas públicas e avanços na implementação de classes educativas no contexto escolar.

1. SURGIMENTO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL

No Brasil, o primeiro hospital a trabalhar com a classe hospitalar foi o Hospital Municipal Jesus no Rio de Janeiro no ano de 1950, porém esta modalidade não tinha vínculo com a Secretaria de Educação. O referido hospital funcionou com o atendimento educacional, que, na década citada, atendia crianças que ficavam internadas.

Ainda na década de 50, surgiu a primeira classe hospitalar em São Paulo no Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Estes primeiros atendimentos pedagógicos hospitalares não dispunham de uma sala ou espaço específico, por isso, era realizado na própria enfermaria do Hospital. Somente em 1997, o Serviço Social de Assistência a Pacientes Internados e o Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina entraram com um pedido na Secretaria de Educação para a criação do Projeto Classe Hospitalar nos moldes atuais.

Segundo Fonseca de 1950 até 1980 existia apenas uma classe hospitalar no Brasil. De 1981 a 1990, passaram a existir 08 classes. Entre de 1991 a 1998, este número aumentou para 30 classes hospitalares, talvez em consequência do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), ¹Lei nº 8.069 oficializado na década de 90. No ano de 2013 e 2015 na buscados no Censo Escolar se referem ao total de turmas hospitalares em território nacional. Os dados mais recentes para a análise disponibilizados pelo MEC/INEP são do ano de 2013 e 2015. Apesar dos dados do ano de 2014 estarem disponíveis, faltam ferramentas que possibilitem sua análise através de

¹ Lei 8609/90 -“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

programas estatísticos². Assim, foram analisados os dados disponibilizados pelo Censo Escolar referentes aos anos de 2013 e 2015. Para a obtenção dos dados referentes ao número de turmas hospitalares no Brasil, foi necessário fazer a busca através da variável FK_COD_TIPO_TURMA, presente no quadro 1, disponibilizada pelo INEP.

Quadro 1. Tipos de Turmas referentes à variável FK_COD_TIPO_TURMA

0	Não se aplica
1	Classe Hospitalar
2	Unidade de Internação socioeducativa
3	Unidade prisional
4	Atendimento Complementar
5	AEE

Fonte: Elaboração própria, com base nos Microdados do Censo Escolar (BRASIL, 2013, 2015)

Segundo Schike (2008), no ano de 1960, o Hospital Barata Ribeiro no Estado do Rio de Janeiro, implementou aulas para as crianças internadas, juntamente com uma professora específica. Foi nesse ano que os profissionais que dirigiam os dois hospitais juntamente com a Secretaria de Educação do surgimento da Pedagogia Hospitalar, mas somente em 2002, foi reconhecida a modalidade educacional.

A respeito dessa questão Schike (2008ano, p16) destaca a regulamentação da Pedagogia em ambiente hospitalar, explicitando que:

Apenas em 2002, o Ministério da Educação, por meio da Secretaria da Educação Especial, regulamenta esse tipo de trabalho com a publicidade do documento intitulado “Classe Hospitalar e Atendimento pedagógico domiciliar; estratégias e orientações” Que tinha como objetivo estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambiente hospitalar e domiciliar.

Ressalta-se que mesmo diante dessa contradição entre as pesquisas e os dados censitários, as informações do censo escolar são de extrema importância, uma vez que são dados oficiais. Fomenta-se que o serviço de classe hospitalar apresenta uma dinâmica muito específica, diferente da escola regular, como por exemplo, a rotatividade do público atendido, bem como, a classe ser multisseriada, assim, o processo de coleta dos dados censitários se faz dificultosa (FONSECA, 2008)

Levando em consideração o total de 286 turmas hospitalares no Brasil em 2015, ao comparamos os dados do Centro Nacional de Estabelecimento de Saúde (CNES) (2015) há

² Os Microdados do ano de 2014 foram disponibilizados no site do Censo Escolar, porém sem a pasta INPUTS, impossibilitando que esses dados passem pelo software para posterior análise.

6.659 hospitais no Brasil, sendo estes 70% de cunho privado, 21% de âmbito municipal, 8% de âmbito estadual e 1% de cunho federal. Deste total de estabelecimentos, segundo dados coletados por Fonseca (2012), no ano de 2012, havia apenas 141 classes hospitalares implantadas no Brasil. Já em 2015, esse número subiu para 155, sendo 10 delas na Região Norte, 27 na Região Nordeste, 26 na Região Centro-Oeste, 63 na Região Sudeste e 29 na Região Sul (FONSECA, 2015). Ademais, cabe destacar que os dados trazidos por Fonseca (2012,2015) são referentes às classes hospitalares, portanto, dentro dessas classes pode haver mais de uma turma, considerando o modo como o censo escolar coleta seus dados. Além disso, a contabilização do número de alunos atendidos é feita em apenas um dia do ano, algo que deveria ser diferente na coleta de dados das classes hospitalares, considerando a rotatividade do público atendido, em que a grande maioria dos alunos não é permanente nessa classe.

Apesar da regulamentação houve por parte da Secretaria de Educação Especial (SEESP³) e do MEC a devida divulgação para os municípios quanto à necessidade dessa modalidade de atendimento para crianças hospitalizadas.

1.1 A PEDAGOGIA HOSPITALAR E SEU PAPEL PRESCRITO NA LEI

No Brasil, a legislação reconheceu através do Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado, através da Resolução nº. 41 de outubro de 1995, no item 9:

[...] a criança “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” (ECA, 1995, PG12).

A Classe Hospitalar surgiu para realizar e fazer atendimentos pedagógico-educacionais que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental.

Constatamos ainda que, diante da preocupação com o atendimento ao escolar hospitalizado, foram criadas diversas leis para tratar sobre essa questão, dentre estas a Resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, que aborda especificamente sobre os direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. Outra legislação já citada anteriormente, que merece destaque é o documento

³ Secretária de Educação Especial

elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC): “Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações”, no qual podemos verificar que são definidas as formas de atendimento sócio-pedagógico destinados ao escolar enfermo que se encontra impossibilitado de frequentar a escola regular.

Esses atendimentos especiais têm como finalidade elaborar estratégias para orientar que o educando inicie ou dê sequência aos seus estudos, como forma de manter seus laços com a escola, mediante um currículo flexível e adaptado às possibilidades e necessidades de cada criança, jovem ou adulto que se encontre impedido de frequentar o ensino regular por causa da enfermidade que lhes acometeu (BRASIL, 2002).

Dessa forma, a criança muda seu espaço escolar para dentro de um ambiente hospitalar, mas não deixa de realizar as atividades propostas, mesmo estando hospitalizada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) assegura o cumprimento da obrigatoriedade de ensino, afirmando que o poder público deve criar formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino, podendo organizar diversificadas maneiras para garantir o processo de aprendizagem. Para asseverar a demanda, surgem as possibilidades à hospitalização escolarizada e, dentre suas modalidades, à classe hospitalar lúdica e recreativa, inserindo no processo pedagógico. A educação assume a proposta de resgatar a possibilidade do educando em dar continuidade aos seus estudos, conforme expresso no parágrafo 2º.

A classe hospitalar é um direito garantido por Lei para crianças e adolescentes hospitalizados. Esse atendimento educacional está de acordo com a legislação, podendo ser realizado tanto no hospital como em domicílio. Dessa forma, o Art. 13 da Resolução nº 2/01 (CNE/CEB), que institui as Diretrizes Nacionais para Educação Especial Básica, é clara e objetiva ao tratar as especificidades do atendimento escolar/hospitalar. Dispõe o presente artigo:

Art.13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio (BRASIL, 2001, p. 4).

Observa-se, dessa forma, nesse estudo a necessidade de ampliarmos essa discussão das classes hospitalares para a garantia dos direitos à educação de crianças hospitalizadas.

1.1.1 A LEI Nº 13.716, DE 24 DE SETEMBRO DE 2018

A lei 13.716 é uma das mais atualizadas quando tratamos sobre o assunto classes hospitalares. Destacamos na íntegra a ementa para compreendermos um pouco do que a lei trata e assegura no contexto dessa discussão.

EMENTA: Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado.

Compreendemos que somente com a lei 13.716/2018 (BRASIL, 2018) é que houve a inclusão do direito específico na Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa. (BRASIL, 1996)

Mesmo com a inserção legal do direito, não houve a especificação dos termos conceituais identificados nas normativas do atendimento escolar hospitalar e domiciliar: classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar. Ainda assim, desde 2001, nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução 02/2001 – CNE/CNB (BRASIL, 2001b), os estudantes em tratamento de saúde são contemplados como público-alvo da Educação Especial, afirmando a necessidade do desenvolvimento do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos da educação básica de forma a contribuir e facilitar o retorno dos mesmos, reintegrando-os à escola e minimizando os prejuízos ocasionados pelo afastamento.

O atendimento educacional hospitalar representa um importante serviço para alunos com impossibilidades de frequentar a escola regular devido aos acometimentos em seu estado de saúde, o que pode proporcionar problemas de ordem física, emocional e/ou social.

Uma Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1953, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente dispunha sobre os direitos da criança e do adolescente e previa, já naquela época, em seu Art. 9º, que toda criança internada em unidade pediátrica tem o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, de programas de educação para a saúde, do acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar (BRASIL, 1995). Dito em outras palavras, as classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem.

Sob essa ótica da Educação Especial, as classes hospitalares e o atendimento pedagógico domiciliar não poderiam seguir os padrões do ensino regular, isso porque, a situação vivenciada pelo escolar enfermo exige uma forma de trabalho diferenciada (BRASIL, 2002).

Percebemos que existem inúmeros espaços não-formais de educação, mas no momento, focaremos no ambiente hospitalar que por sua natureza e peculiaridade, exige do profissional professor um trabalho mais humano e sensível, através de uma Pedagogia específica, com características próprias que aqui denominaremos de Pedagogia Hospitalar.

Por essa razão, esse trabalho diferenciado, englobando os dois tipos de atendimentos deve ser desenvolvido em conjunto com as unidades escolares, com os sistemas de educação sejam federais, estaduais e municipais e com as direções dos estabelecimentos e dos serviços de saúde em que o escolar esteja hospitalizado ou vinculado (BRASIL, 2002).

No que se refere ao atendimento pedagógico hospitalar, pode ocorrer em instalação própria para esse fim (classe hospitalar), na enfermaria da unidade de saúde, no leito ou em quarto de isolamento, também sendo indicado um espaço adequado, de preferência ao ar livre para que sejam desenvolvidas atividades lúdico-pedagógicas, o que irá depender das necessidades e possibilidades clínicas do escolar hospitalizado (BRASIL, 2002).

1.2 O DESAFIOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NA ATUALIDADE

A Pedagogia visa estabelecer a ação do cuidado com a criança. Além disso, a Pedagogia Hospitalar surgiu com a necessidade de criar vínculos com a criança no processo educativo, do qual a mesma está afastada por motivo de doença, permitindo que ela, possa por meio de atividades lúdicas e pedagógicas, contribuir para o processo educativo, no qual ela continue os seus estudos no hospital, além de beneficiar sua saúde física, mental, afetiva e emocional.

É importante frisar que este processo de adaptações deve ser desenvolvido de forma integrada entre o sistema de educação, de saúde e de assistência social (BRASIL, 2002). Além disso, os materiais e conteúdos didático-pedagógicos a serem trabalhados com este educando também devem ser adaptados às suas necessidades e possibilidades, o que será essencial para que o processo de ensino-aprendizagem se concretize. (BRASIL, 2002).

No processo de ensino-aprendizagem é importante que o professor trabalhe como uso do lúdico no ambiente hospitalar apresenta algumas atividades na qual a criança esteja inserida na vida de uma criança, onde os recursos pedagógicos irão permitir ao professor elaborar formas

para o ensino aprendizagem do aluno e fazendo com que as suas aulas deixem de ser aulas tradicionais e passem a ser mais atraentes e mais prazerosas. No entanto, esse recurso não se deve somente ao uso do livro didático, e sim a outros contextos para obter uma aprendizagem do aluno no hospital. Nas questões do cuidar, educar, o mesmo se voltava para a questão da interação e quando o professor trabalha com algumas brincadeiras que possam estimular a aprendizagem da criança. Além de trazer a criança como o centro da sua própria aprendizagem.

Os profissionais que fazem parte da equipe de pedagogia hospitalar são compostos por um professor coordenador que além de organizar as propostas pedagógicas a serem desenvolvidas na classe hospitalar e no atendimento pedagógico domiciliar, deve orientar e prestar assistência aos professores que atuarem nesses espaços (BRASIL, 2002). Também fará parte da equipe educacional, o professor, que será responsável por planejar, organizar e desenvolver atividades e avaliações adequadas às necessidades e possibilidades dos educandos. Cabe também a este profissional cuidar do processo de inserção ou reinserção do educando no ensino regular, quando este estiver em condições para tanto (BRASIL, 2002).

A participação do professor no hospital vem crescendo com o passar dos anos, tomando força e lugar, muitos hospitais hoje possuem espaços para a atuação do profissional. A atuação pedagógica possui significativas contribuições para o desenvolvimento da criança que se encontra fora da escola por motivos de saúde e que precisa receber atendimento escolar dentro do âmbito hospitalar.

Para se desenvolver a pedagogia dentro do âmbito hospitalar, é preciso compreender as necessidades e limitações que se pode encontrar tanto com relação às crianças e adolescentes hospitalizadas quanto aos familiares fragilizados, que indiretamente passam por um processo também de internação, a fim de se exercer um trabalho significativo no que diz respeito ao desenvolvimento das relações de adaptação, cognição e afetividade entre eles.

Mas muito se questiona em torno da prática do pedagogo nesses espaços, principalmente por ter uma formação há muito tempo voltada para a educação escolar. O pedagogo encontrará ainda, grandes dificuldades quanto aos espaços não-escolares, por se tratar de espaços que passam por grandes processos de transformação, exigindo do pedagogo, a necessidade de estar sempre se atualizando.

[...] a questão da formação desse profissional constitui-se num desafio aos cursos de Pedagogia, uma vez que as mudanças sociais aceleradas estão a exigir uma premente e avançada abertura de seus parâmetros, com vistas a oferecer os necessários fundamentos teóricos-práticos, para o alcance de atendimentos diferenciados emergentes no cenário educacional. (MATOS; MUGGIATI, 2001, p. 15).

A formação profissional do educador hoje se situa num patamar de grandes mudanças dentro do quadro educacional, mudanças essas, que trouxeram inovações e para a educação em diferentes espaços educativos.

1.3 A IMPORTÂNCIA DA BRINQUEDOTECA PARA A CRIANÇA HOSPITALIZADA

A Pedagogia Hospitalar amplia o campo de atuação do professor para fora dos limites da escola. No Brasil, em conformidade com a Lei nº 11.184, de 21 de março de 2005, é obrigatória a instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Visando ao bem-estar físico e social da criança e do adolescente no hospital, a brinquedoteca é uma necessidade, porque o trabalho com o lúdico os faz expressar seus medos, sentimentos e fantasias com relação ao momento que está vivendo, diga-se, um momento difícil que soma expectativa, angústia, tristeza, e que pode ser transformado pelo processo de oferecer aos enfermos momentos de descontração, entretenimento e de saber.

A brincadeira neste espaço tem como objetivo aliviar o stress e a desmotivação da criança por conta da hospitalização, como nos aponta. Calegari (2003). Outra possibilidade de intervenção pedagógica em ambiente hospitalar, com crianças que ainda não se encontram em idade escolar, é o planejamento atividades lúdicas, que além de propiciar o alívio do estresse causado pela doença e hospitalização, propicia sem dúvida o desenvolvimento infantil.

Portanto, a Pedagogia Hospitalar, por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas, previne o fracasso escolar, por ser uma modalidade de ensino da Educação Especial que visa à ação integrada do professor no ambiente hospitalar. Importante ressaltar que o profissional da educação possa estimular e trabalhar para atendê-la durante o processo de internação.

De acordo com Cunha (1994, p. 11), o brincar é importante:

Porque é bom, é gostoso e dá felicidade, e ser feliz é estar mais predisposto a ser bondoso, a amar o próximo e a partilhar fraternalmente.

Porque é brincando que a criança se desenvolve, exercitando suas potencialidades. O desafio contido nas situações lúdicas provoca o funcionamento do pensamento e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações, por motivação intrínseca, conseguem.

Porque brincando a criança aprender com toda a riqueza do aprender fazendo, espontaneamente, sem estresse ou medo de errar, mas com prazer pela aquisição de conhecimento.

Porque, brincando, a criança desenvolve a sociabilidade, faz amigos e aprende a conviver respeitando o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo.
Porque, brincando, aprende a engajar-se nas atividades, gratuitamente, pelo prazer de praticar, sem visar recompensa ou temer castigo, mas adquirindo o hábito de estar ocupada, fazendo alguma coisa inteligente e criativa.
Porque, brincando, prepara-se para o futuro, experimentando o mundo ao seu redor dentro dos limites que suas condições atuais permitem.

Com base em Vygotsky (1999), entendemos que o brincar preenche e satisfaz as necessidades da criança, incluindo aquilo que a move, que a leva a agir, e que a faz evoluir no seu desenvolvimento. Essas necessidades variam de acordo com a idade da criança, o que implica que o brinquedo que interessa a uma criança menor não interessa, por certo, a uma criança maior.

E, principalmente, porque, brincando a criança está nutrindo a sua vida interior, descobrindo sua vocação e buscando um sentido para a vida. Ao pensar sobre essa imensa relevância do brincar como formas de aquisição de conhecimento, de desenvolvimento pleno e de formação da personalidade da criança, foram criados espaços apropriados para favorecer a brincadeira, as Brinquedotecas.

Para Falco (2010), a primeira área de uma brinquedoteca é a **Área de Atividade Escolar**, que consiste em tentar diminuir o prejuízo escolar por meio das ações pedagógicas, visto que as crianças hospitalizadas em sua maioria estão inseridas na escola; a segunda é a **Área de Atividade Recreativa**, que tem pressuposto educativo, e são atividades que proporcionam a sensação de bem estar na criança; e por último a **Área de Atividade de Orientação**, que tem por finalidade fazer companhia, conversar e realizar a escuta qualificada com o paciente e com ele estabelecer relações que possam melhorar sua adaptação ao ambiente hospitalar.

Ressaltamos que a proposta do Projeto não é o acompanhamento direto do conteúdo escolar, embora possamos, por meio das atividades desenvolvidas, contribuir para a elaboração de conceitos que indiretamente permitam auxiliar no retorno às aulas após a alta hospitalar. O foco é a possibilidade de elaboração da situação de internamento por meio do BRINCAR, que se torna algo seríssimo nesse cenário. (CALEGARI-FALCO, 2010, p.83)

No hospital, o brincar acaba transmitindo maior segurança para as crianças e adolescentes, gerando um clima de descontração e alegria para superarem a fase mais difícil. Ajudá-los é imprescindível neste momento e fazê-los compreender o mundo do hospital com o brincar é fundamental. Aqui o professor desempenha seu papel utilizando o pedagógico de forma que amenize as sensações desagradáveis do ambiente hospitalar e o torne mais alegre por meio do brincar. À vista de todo o exposto, entende-se que as brincadeiras lúdicas educacionais

para crianças estimulam a construção do conhecimento, e podem ter inúmeras possibilidades de desenvolvimento. Desse modo, considera-se essa atividade eficaz no processo ensino-aprendizagem, pois promove situações que levam a criança a estabelecer relações colaborativas sociais e, conseqüentemente, melhoram seu empenho educacional, motivando e estimulando o raciocínio lógico.

Cunha (1994, p. 13) define as brinquedotecas como “um espaço aonde as crianças (e os adultos) vão para brincar livremente, com todo o estímulo à manifestação de suas potencialidades e necessidades lúdicas. ”Ademais, a brinquedoteca foi criada para ajudar e facilitar a aprendizagem de forma natural, com brincadeiras diferenciadas, eis que, a criança pode brincar sozinha ou com outras pessoas, pode brincar também de faz-de-conta, há jogos, com os quais se estabelecem regras, estimulando o senso de certo e errado das mesmas, o que contribui para a formação, inclusive de sua personalidade. Em outras palavras, brincando a criança se diverte e ao mesmo tempo aprende, desenvolve suas habilidades, sua criatividade, imita os adultos, enfim, seja qual for à brincadeira escolhida à criança sempre adquire conhecimentos novos ou aprimora os já existentes. (CUNHA, 1994).

A brinquedoteca precisa oferecer à criança as possibilidades para ela brincar, criar, inventar, transformar e construir a brincadeira e obter experiência e autonomia, o que possibilita seu crescimento individual e a aquisição de hábitos responsáveis. Por esse motivo é importante a criação dos espaços lúdicos nos hospitais, como a brinquedotecas no espaço hospitalar, com o auxílio do professor.

De acordo com Cunha (1994) a brinquedoteca hospitalar possui os seguintes objetivos junto à criança enferma: A Brinquedoteca Hospitalar tem a finalidade de tornar a estadia da criança no hospital menos traumatizante e mais alegre, possibilitando assim melhores condições para sua internação. A internação num hospital, além de provocar uma interrupção na rotina de vida da criança, faz com que ela fique insegura por estar privada de seus parentes e amigos, de seus brinquedos e de tudo o que lhe é familiar. Assim sendo, está sujeita a deixar-se envolver pelo pânico ou pela tristeza, o que certamente poderá dificultar tanto a aceitação do tratamento como a sua recuperação.

A pedagogia está diretamente ligada aos mais variados ambientes que exijam as relações de ensino aprendizagem, o ser humano está sempre em processo de aprendizagem e a educação no espaço não escolar foge dos muros da escola, não é uma educação sistematizada, como ocorre na escola, formal, desde o início do ano letivo com a finalidade de está proporcionando ao aluno, uma formação contínua e sistematizada, no caso do ambiente hospitalar, verifica-se a necessidade de oferecer aos indivíduos que não frequentam a escola,

ou aos que frequentam, mas precisaram ter este processo interrompido por uma hospitalização, uma educação complementar que articulada à escola proporcione ao escolar hospitalizado o desenvolvimento de suas potencialidades.

A criança hospitalizada, assim como qualquer criança apresenta o desenvolvimento que lhe é possível de acordo com uma diversidade de fatores com os quais interage e, dentre eles, as limitações que o diagnóstico clínico possa lhe impor. De forma alguma podemos considerar que a hospitalização seja, de fato, incapacitante para a criança. Um ser em desenvolvimento tem sempre possibilidades de usar e expressar, de uma forma ou de outra, o seu potencial. (FONSECA, 2008, p. 17)

A educação no hospital precisa garantir a criança o direito a uma infância saudável, a importância da brincadeira nesse período delicado junto com o professor mediando momentos lúdicos de educação, no hospital.

A mistura de Educação e Saúde proposta pela Pedagogia Hospitalar pode suscitar dúvidas. Trata-se de uma ótica à criança de maneira íntegra, trazendo para o ambiente hospitalar, suas necessidades, seu modo de brincar, suas deficiências escolares, buscando resgatar o fortalecimento de vínculo afetivo do indivíduo, muitas vezes fragilizadas pela longa permanência em função de tratamentos e auxiliá-lo no seu processo emancipatório na busca da saúde e da aquisição de novos conhecimentos.

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

O objetivo é pesquisar quais classes hospitalares existentes em Manaus e analisar as práticas do professor no ambiente hospitalar, o método da minha pesquisa será um estudo de caso buscando visitar um hospital na cidade que é instituição, na identificação do entrevistador, da instituição e do ambiente, e quais os materiais usados no procedimento.

Passei a me aprofundar da idéia, lendo entrevistas, textos e artigos científicos e observado como será o funcionamento da Pedagogia no ambiente hospitalar. É importante ressaltar que o objetivo geral é compreender a importância da pedagogia hospitalar como um espaço favorável para a atuação do professor para o desenvolvimento integral da criança-paciente hospitalizado.

2.2 CARACTERIZANDO A PESQUISA

Baseando-se em autores que discutem sobre a prática pedagógica em hospitais, este levantamento se deu através de estudos em livros e artigos científicos. No segundo momento, realizamos um Estudo de Caso, de natureza qualitativa, através de observações e questionários pedagógicos hospitalares. A abordagem qualitativa pode ser conceituada como sendo:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de varias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL, 2007, p. 17).

A pesquisa posteriormente, também foi necessária realizar uma pesquisa documental para esclarecer os aspectos legais da Pedagogia Hospitalar. Vale ressaltar, que esse estudo também representa uma Pesquisa-Ação, pois a pesquisadora atua com prática pedagógica hospitalar.

Este estudo se caracteriza como sendo uma pesquisa documental, visto que os dados e resultados obtidos são provenientes de documentos que são condizentes com uma análise quantitativa e qualitativa (GIL, 2002). Gil (2002) aponta que dentro de uma pesquisa documental existem dois tipos de documentos a serem analisados, sendo eles de primeira e segunda mão. Os documentos de primeira mão são aqueles que ainda não receberam nenhum

tratamento analítico. Já os documentos de segunda mão são os que, de algum modo, já receberam algum tipo de tratamento.

2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A temática desse estudo foi desenvolvida e apoiada por uma abordagem qualitativa, em que se busca uma compreensão particular daquilo que se estuda, objetivando compreender e interpretar o objeto investigado, ou seja, a prática pedagógica hospitalar a partir das observações e questionários que foram realizados e aplicados com a amostra pesquisada.

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram: observação e questionário semiestruturado (Anexo A e B). A observação, pelo fato desta possibilitar uma melhor compreensão e fornecimento de informação mais objetivas sobre o tema em estudo, por ser de relevância para futuras práticas pedagógicas na instituição e no hospital permitindo a possibilidade de registrar e analisar as práticas metodológicas desenvolvidas por estes profissionais da educação. A proposta dos questionários foi que relatassem as suas principais percepções acerca do entendimento sobre a relevância da Pedagogia Hospitalar

Enfim, todos os processos metodológicos da pesquisa pretenderam buscar dados predominantemente qualitativos, cujos sujeitos investigados foram uma docente que faz os atendimentos pedagógicos hospitalares e uma profissional da equipe.

CAPÍTULO III – DISCUSSÃO E RESULTADOS

A pesquisa que norteou o referente trabalho teve como foco de análise a prática pedagógica no Hospital Infantil Pequenos Pródigos no qual através das entrevistas que foram realizadas com uma enfermeira, uma psicóloga e professora da instituição, pôde se observar as contribuições que a pedagogia traz para as crianças que se encontram em tratamento no ambiente hospitalar.

Observava com indagação o fato de que as crianças aceitavam muito melhor os cuidados de enfermagem depois que saíam da recreação ou das alas no hospital, elas ficavam felizes com sorrisos nos lábios, isto me surpreendia e eu via o quanto a pedagogia contribuía para o tratamento dos pacientes, porém faltava-me embasamento teórico que justificasse estas contribuições, o que encontrei nesta pesquisa realizada. A criança enquanto paciente não pode ser tratada e vista apenas por sua doença ou deficiência, os profissionais diretamente ligados a ela devem tratar todos seus aspectos, incluindo o cognitivo e o emocional.

Pensando nesse sentido, acredito que, assim como a escola precisa de um pedagogo atuante, o hospital também precisa ter esse profissional, ou seja, sob meu ponto de vista, através deste processo de formação profissional, o papel do pedagogo sempre será o mesmo, seja em instituições formais ou não formais, pois sempre trabalhará com a formação de sujeitos, em qualquer fase do desenvolvimento humano ou nos vários níveis e modalidades do processo educativo.

3.1 O TRABALHO DO PROFESSOR NO HOSPITAL

Antes de começar a discussão e conceituação acerca da Pedagogia Hospitalar, faz-se necessário compreender a etimologia do termo Pedagogia, segundo o Dicionário Aurélio de língua Portuguesa, é a “teoria e ciência da educação e do ensino” (FERREIRA, 2000, p. 522). Segundo Saviani (2007), desde do período da Grécia antiga existia vestígios conceituais de Pedagogia.

A pedagogia desenvolveu-se por um lado ligada à filosofia, elaborada em função da ética que guia a atividade educativa, no sentido empírico a pedagogia é entendida como formação para a vida, reforçando o aspecto metodológico presente na etimologia da pedagogia como meio, caminho para a condução da criança [...] a pedagogia se desenvolveu em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática sendo, em determinados contextos, identificada com o próprio modo intencional de realizar a educação (SAVIANI, 2007, p. 100).

A história da educação no contexto atual enfrenta desafios inerentes às necessidades sociais. Pode-se afirmar que o campo da Pedagogia vem sofrendo relevantes evoluções, bem como fomentando diversas perspectivas e nuances, enquanto ciência norteadora. Deste modo, no que tange à amplitude e às possibilidades da atuação do pedagogo, novos processos educativos se configuram neste cenário educacional, a exemplo, o espaço pedagógico denominado Pedagogia Hospitalar. Esse campo requer novos paradigmas referentes ao papel do pedagogo e à educação inclusiva – para além da educação escolar formal e tradicional.

A necessidade observada surgiu ao saber que hoje a pouco conhecimento a respeito da temática sobre a pedagogia hospitalar na qual está ligada no atendimento da criança/adolescente que se encontra hospitalizada, buscando ressaltar que a educação não se limita somente dentro do âmbito escolar, mas precisa ser levada para outros para fora da escola mostrando que independente do local de aprendizagem, as pessoas buscam a educação.

A proposta deste trabalho surge com o propósito de conhecer a atuação do professor em frente à pedagogia no contexto hospitalar, onde é necessário o exercício da sua profissão junto às crianças afastadas do ambiente formal da escola por motivos de saúde. Em meios aos exames, afastamento do ambiente familiar e escolar, é necessário desenvolver elos que ajudarão os mesmos a não se sentirem excluídos da sociedade.

Essa nova oportunidade nos mostra que o ambiente hospitalar muitas vezes torna-se assustador e preocupante, pois, sabemos que automaticamente o paciente irá ser afastado do meio ao qual ela está acostumada a frequentar, onde ela observa, ouve e presencia diferentes situações. Dessa forma, objetivo deste estudo é analisar a importância e a contribuição do professor hospitalar para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Assim os papéis do professor juntamente com as suas práticas pedagógicas contribuem para o desenvolvimento das atividades adaptadas e criativas, para o envolvendo do paciente no processo de ensino aprendizagem.

Diante do exposto emerge o seguinte problema de investigação: qual a importância da atuação do Professor na contribuição do processo de escolarização de criança hospitalizada?

Ao pesar a educação hospitalar é imprescindível pensar no papel do professor e como muitos pesquisadores já afirmaram na formação desse professor. Quando a educação hospitalar iniciou na década de 50, os professores iam para o hospital e realizavam ali um trabalho quase que intuitivo.

Como os desafios eram muitos, esses primeiros professores da educação hospitalar investiram na própria formação, buscando teóricos que auxiliassem na resolução de seus

problemas pedagógicos e fossem capazes de ajudá-los na teorização da área que começava a trilhar.

O papel de o professor no ambiente hospitalar atualmente é essencial, cabe então compreender teoricamente e legalmente que o conhecimento pode contribuir para o bem-estar físico psíquico e emocional da criança enferma, mas não necessariamente o conhecimento curricular ensinado no espaço escolar, exatamente do modo que a escola o faz.

A função de o professor no ambiente hospitalar vai além do currículo formal, cabe nele uma compreensão ampla de educação, currículo oculto e conceitos de cultura, valores sociais e morais, valores éticos e estéticos, bem como noções de direito e cidadania. Cabe ainda pensar que a educação em si contempla aspectos diversos e que o professor precisa de uma atenção redobrada neste campo para fazer uso de todas as questões que envolvem o espaço do educar.

Mas muito se questiona em torno da prática do pedagogo nesses espaços, principalmente por ter uma formação há muito tempo voltada para a educação escolar. O pedagogo encontrará ainda, grandes dificuldades quanto aos espaços não-escolares, por se tratar de espaços que passam por grandes processos de transformação, exigindo do pedagogo, a necessidade de estar sempre se atualizando.

[...] a questão da formação desse profissional constitui-se num desafio aos cursos de Pedagogia, uma vez que as mudanças sociais aceleradas estão a exigir uma premente e avançada abertura de seus parâmetros, com vistas a oferecer os necessários fundamentos teóricos-práticos, para o alcance de atendimentos diferenciados emergentes no cenário educacional. (MATOS; MUGGIATI, 2001, p. 15).

A formação profissional do educador hoje se situa num patamar de grandes mudanças dentro do quadro educacional, mudanças essas, que trouxeram inovações e que busca romper as barreiras ainda existentes, dentre elas, a concepção da sociedade de que o curso de pedagogia prepara o graduando apenas para ser professor da educação.

Assim, o documento delimita o tempo do professor e dos professores na educação hospitalar e aponta para um conjunto de saberes do docente indicando uma determinada responsabilidade por área do conhecimento. Fato este que já aponta para um olhar diferenciado dos objetos de ensino.

As funções do professor, dentro do contexto hospitalar, devem estar articuladas simultaneamente com o gestor e a equipe multiprofissional na educação hospitalar, conforme instruções internas das instituições hospitalares. É obviamente uma função diferenciada do papel do professor da escola regular. Obviamente a função do professor, nesse contexto, torna-se mais delimitada. Ele deve desenvolver e acompanhar o processo de ensino e aprendizagem

dos educandos. Porém o documento não esclarece, por exemplo, se o atendimento será por área do conhecimento. Ainda falta afirmar que o docente é responsável pelas adaptações necessárias tanto de metodologia, como de material de apoio e até mesmo de proposta de trabalho para cada estudante.

A construção da prática pedagógica, para atuação em ambiente hospitalar, não pode esbarrar nas fronteiras do tradicional. As dificuldades, muitas vezes, persistem porque não se consegue ver nelas a oportunidade de uma atuação diferenciada, pois os valores e as percepções de condutas e ações estão ainda muito enraizados nas formações reducionistas.

Essa prática, portanto, deve transpor as barreiras do tradicional e as dificuldades da visão cartesiana. A ação pedagógica, em ambiente e condições diferenciadas, como é o hospital, representa um universo de possibilidades para o desenvolvimento e ampliação da habilidade do professor /educador. Desenvolver tais habilidades requer uma visão oposta à contemplada pelo reducionistas, ou seja, ela deve, sim, contemplar o todo (MATTOS, 2010, p. 51).

Diante do exposto acima, ser professor da educação hospitalar é criar novas possibilidades de ensino, é aceitar o desafio de pesquisar, de criar novas possibilidades e de ir à busca do conhecimento científico, mas principalmente, humano. O professor da educação hospitalar é um promotor de humanização, agente da mudança no processo educativo. Além disso, o docente da educação hospitalar é responsável pela aproximação entre Educação e Saúde.

Segundo Fonseca (2010), as especificidades do atendimento pedagógico em ambiente hospitalar compreendem a diversidade de estratégias para favorecer o ensino e aprendizagem e a consideração sobre a situação hospitalar do estudante. Além disso, é necessário um olhar sensível e diferenciado do docente, preparado para perceber os aspectos cognitivos, psicológicos e sociais deste sujeito.

A função de o professor no ambiente hospitalar vai além do currículo formal, cabe nele uma compreensão ampla de educação, currículo oculto e conceitos de cultura, valores sociais e morais, valores éticos e estéticos, bem como noções de direito e cidadania. Cabe ainda pensar que a educação em si contempla aspectos diversos e que o professor precisa de uma atenção redobrada neste campo para fazer uso de todas as questões que envolvem o espaço do educar.

Para Tardif (2002, p.03), “a atividade dos professores é um exercício profissional complexo, composto, na realidade, de várias atividades pouco visíveis socialmente”. Os saberes da docência em língua portuguesa são plurais envolvem os saberes da formação, os saberes disciplinares, os saberes curriculares e os saberes experienciais. Após a apresentação e definição

dos saberes da docência em língua portuguesa para a educação hospitalar discute-se os aspectos da língua em si.

O papel do professor para pacientes em idade de escolarização hospitalizados durante o tratamento médico é muito importante. Sabe-se que nesses casos o processo de ensino-aprendizagem ocorre em um ambiente não escolar, mas as práticas docentes não devem fugir de um dos principais objetivos do professor: contribuir na formação de cidadãos/sujeitos autônomos, éticos, críticos, participativos e atuantes socialmente.

A temporalidade é um fator fundamental no trabalho pedagógico hospitalar. Ao ser internado, o aluno paciente estará sujeito a procedimentos médicos e de enfermagem a qualquer momento, sendo que o professor deverá dar prioridade ao trabalho dos profissionais de saúde. Também devemos considerar que, nem sempre, o aluno paciente estará em boas condições físicas ou clínicas para receber atendimento pedagógico, devendo, este, ser realizado em outro momento. Portanto, é necessária a compreensão da temporalidade diferenciada no ambiente hospitalar, fazendo com que o professor respeite as condições de saúde do aluno paciente e compreenda que o tempo de contato com ele será menor do que na escola regular, porém, assegurando que, através de um trabalho pedagógico coerente, não haja prejuízo à sua aprendizagem.

Considerando, principalmente, a questão da temporalidade, o professor deverá selecionar os conteúdos que serão trabalhados, privilegiando os que forem essenciais ao desenvolvimento acadêmico e relevantes na prática social do aluno paciente.

Portanto, podemos concluir que a afetividade, a escuta pedagógica e a humanização, são formadas por sentimentos e atitudes que estão intimamente interligados entre si. Ao se educar no ambiente hospitalar, utilizando como ferramentas a afetividade e a escuta pedagógica, estamos propondo e realizando um trabalho voltado para a humanização do aluno paciente, garantindo-lhe, o cumprimento de seus direitos, o respeito à sua condição de saúde, sua valorização como ser humano e a melhoria de sua autoestima.

3.2 MAPEANDO A CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR EM MANAUS

A primeira amostra da análise foi realizada com uma docente que atua realizando atendimento psicopedagógico com crianças/adolescentes na pediatria e, também, exerce o cargo de coordenadora do projeto de extensão, é formada em Psicologia e possui pós-graduação em psicopedagogia.

A formação acadêmica da docente condiz com a sua atuação laboral nas práticas pedagógicas no ambiente hospitalar e encontra-se em conformidade com que as diretrizes do MEC, recomenda qual seja:

O professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. (BRASIL, 2002, p. 22)

Ao ser questionada sobre o processo inicial de conhecer a prática profissional da Pedagogia Hospitalar, obteve-se a seguinte resposta.

No início de 2008 eu estava em Portugal fazendo vários cursos e comecei a fazer algumas leituras relacionados ao tema, e comecei a ter curiosidade na Psicopedagogia e as possibilidades de outras vertentes. Por coincidência tinha uma professora que desenvolvia atendimentos Psicopedagógicos na sala na qual eu estudava. A partir disso fiquei bastante interessada e fui buscar conhecer sobre trabalho dela com essas crianças, e a cabeí ficando lá por um tempo, e foi um período que permaneceu marcado foi onde eu pude vivenciar a teoria com a prática. Ao retornar para Manaus continuei sentindo essa necessidade de trabalhar com a psicopedagogia hospitalar, então soube que dentro do Hospital Infantil Dr. Fajardo que desenvolvia esse tipo de atendimento com criança/adolescente hospitalizada. Então pensei na possibilidade de continuar o trabalho onde, relatei que tinha gostado muito da temática, então ela me convidou para fazer parte da equipe. (PROFESSORA)

Então, a única opção para contribuir com a formação profissional, que atenda às necessidades exigidas para uma prática educativa no contexto hospitalar, é buscar uma formação continuada através de pesquisas científicas, leituras de livros, cursos à distância e Projetos de Pesquisas ou Extensão. De acordo com Matos (2012, p. 21):

A Pedagogia Hospitalar é hoje vista como um desafio para os cursos de Pedagogia, já que ela possui sua própria especificidade e demanda que os profissionais possuam várias habilidades e competências que poderão adaptar-se as diversas mudanças para incluir o aluno/enfermo em uma nova realidade para que não perca o ano letivo que vinha cursando.

Essa formação dos professores para atuação na Pedagogia Hospitalar necessita ter um olhar humanístico e uma ação docente inclusiva.

No momento da entrevista, a docente relata sua experiência com orgulho, amor e dedicação, isso é fundamental para o bom desenvolvimento do seu trabalho e, com certeza, isso reflete na sua prática pedagógica como educadora.

3.3 O PEDAGOGO HOSPITALAR: UMA FERRAMENTA A MAIS NA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL

Você pode relatar como ocorre o desenvolvimento do trabalho pedagógico com criança ou jovem hospitalizado. Ao pedagogo, enquanto profissional conhecedor da ciência da educação cabe atuar junto com o hospital enriquecendo as estratégias de ensino, de maneira didática, com qualidade, de transformação, visando o desenvolvimento de cada indivíduo em seus aspectos profissional e pessoal. Pensando nisso, a pesquisa, que é em um instituto filantrópico, sem fins lucrativos e de assistência social, visa em sua totalidade o desenvolvimento do paciente.

E o papel do pedagogo está relacionado a identidade de um mentor. Ele é aquele que onde se apresentar, acende a capacidade humana de pensar, julgar, sentir e compreender sob uma perspectiva crítica e criativa. Dessa forma, é fundamental a inserção dos pedagogos em instituições não educacionais, pois ele não trará somente da questão pedagógica, mas, também, qualidade da educação.

A professora fala sobre as barreiras e desafios são encontrados para o trabalho pedagógico na Classe Hospitalar, ele relata que; embora o quesito tecnicamente qualificado seja fundamental para uma instituição, este não é mais suficiente para fazer a diferença, pois, em um mundo globalizado em que hoje se vive, faz a parte da tecnológica está quase se igualando a todas as partes do globo terrestre; os serviços também são muito semelhantes.

Outro relato o profissional cita que muitas vezes passa-nos despercebido as inúmeras possibilidades de espaços possíveis para exercício de nossa profissão até mesmo porque as matrizes curriculares dos cursos não contemplam, ou em pouco evidenciam disciplinas que possam discutir metodologias, conceitos e espaços não-formais de educação, ainda que sobre a classe hospitalar.

Você poderia dizer como funciona o atendimento envolvendo, o professor da Classe Hospitalar, o professor do ensino regular e o estudante atendido nessa modalidade de atendimento? A atuação do professor em um espaço não formal de educação contempla as mesmas necessidades da educação formal, porém tendo de certa forma mais autonomia na escolha de conteúdo, métodos e processos avaliativos ou ainda mais tempo para as aulas, pois geralmente trabalha-se com oficinas.

Mas os alunos são os mesmos, às vezes muda, a faixa etária, as condições físicas e mentais, dependendo da instituição ou ONG no qual o professor for atuar, porém as necessidades e competências do professor são basicamente as mesmas da educação formal,

dentre elas, conhecimento das especificidades de sua área de formação, conhecimento das leis e normas que regem determinada instituição, didática, domínio de turma.

Um professor, voltado para o entendimento, leva em conta o fato de os alunos terem oportunidades diversas para aplicarem seus conhecimentos de novas e diferentes maneiras, construindo novos caminhos. O importante não é levar os estudantes a dominarem cada área em profundidade, mas recorrer aos modos de pensar de cada uma para vir a entender o mundo. (ISAIA, 2006, p.39).

A autora nos proporciona uma reflexão sobre a atuação do professor, levando em consideração o fato de o professor ter que aproveitar as oportunidades que possam surgir na sala de aula ou num espaço de oficina, aprofundando-se em sua área de conhecimento e despertando com suas aulas o olhar do aluno para os contextos pessoais e do mundo.

A professora também destaca que “Não basta propor um entendimento genuíno para o trabalho escolar se a formação do professor, inicial ou continuada, não privilegiar estratégias que lhe possibilitem construir uma mente disciplinar”. Estratégias, metodologias de trabalho, planos de aula com conteúdos e atividades bem delineadas são de suma importância para qualquer professor que venha a trabalhar em qualquer espaço educacional.

É o que complementa a entrevistada quando indagada se do ponto de vista da mesma, ela observa a interferência pedagógica no tratamento e recuperação das crianças hospitalizadas:

O pedagogo pode identificar questões não observadas pelos demais profissionais da equipe, assim como poderá realizar intervenções que somente ele tem competência para fazer, tudo isso ao observar o que cabe ser feito dentro do contexto hospitalar (PROFESSORA).

A partir da relação de afetividade, confiança e segurança estabelecida com o aluno/interno durante os atendimentos pedagógicos, e de um olhar mais direcionado e específico, o educador pode conseguir enxergar alguns detalhes não observados pelos outros profissionais da equipe de saúde, em virtude de:

Na Pedagogia Hospitalar, existe uma relação de afetividade e companheirismo entre professor e paciente com vistas ao seu reestabelecimento, interação e socialização. Assim, por meio desses aspectos, não permita que seu estágio de fragilidade e enfermidade os impeçam de lutar pela sua saúde (RODRIGUES, 2011, p. 61).

Para concluir, inquiriram-se quais sugestões a mesma daria para melhorar a relação entre a equipe médica e a equipe pedagógica:

A comunicação é ainda o maior desafio! A busca e a instancia por construir essa relação pode favorecer muito a evolução e a saúde dos pacientes. Um trabalho em conjunto com psicólogos e assistentes sociais principalmente podem facilitar ainda mais o período de internação desses pacientes (PROFESSORA).

Diante de tudo que foi exposto percebemos como é importante um profissional de educação possa trabalhar com o desenvolvimento e pode se considera importante e como as práticas pedagógicas podem auxiliar na recuperação do quadro clinico dessas crianças/adolescentes.

Porém ainda existem grandes desafios a serem superados quanto a atuação multidisciplinar para assim de fato conseguir uma interação e resultados, mas efetivos no que desrespeito a escolarização e recuperação desses pacientes. Para Matos e Mugiatti (2012, p. 118) “a reflexão sobre a experiência multi/inter/transdisciplinar e respectivas modalidades de orientação, junto a crianças e adolescentes hospitalizados, conduz a convicção da sua natureza terapêutica”.

3.4 O PEDAGOGO NO CONTEXTO HOSPITALAR: UM IMPORTANTE COMPONENTE NA INTEGRALIDADE EM SAÚDE

Na sala que é uma ala pode ser esclarecido para melhor a compreensão e os pensamentos dos profissionais da equipe em relação a respeito do processo educacional em um ambiente hospitalar, escolhemos como sujeito para participar da nossa pesquisa uma enfermeira que presta atendimento na instituição há 5 anos, com especialização em Saúde e gestão hospitalar. A primeira questão direcionada a ela foi qual era a sua visão em relação a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar:

A presença do pedagogo aumenta ainda mais a possibilidades de um atendimento integral ao usuário do serviço. Quando uma pessoa chega ao hospital traz consigo toda sua história, inclusive escolar que está correlacionada com todas as demais (ENFERMEIRA).

Foi possível perceber na fala da entrevista que a presença do professor pode e é de grande relevância, pois podem propiciar a esses alunos internos outras oportunidades e possibilidades, valorizando a sua história de vida e o aprendizado que ele já possui. Segundo as pesquisadoras Matos e Mugiatti (2012, p. 107) “A pedagogia hospitalar vem contribuir para inovação assistência clinica infanto-juvenil, nos seus múltiplos procedimentos trazendo muitos benéficos à criança e aos adolescentes hospitalizados”. Mas, ao ser perguntada sobre a

importância do atendimento educacional às crianças/adolescentes hospitalizadas, ela informa que, é preciso ainda que o professor compreenda o seu verdadeiro papel e a sua importância, pois por mais que as aulas/atendimentos sejam realizadas na brinquedoteca ou com recursos lúdicos, faz-se necessário que o educador reflita sobre sua ação, deixando claro para si mesmo que ele não está ali como um brinquedista ou alguém que serve para distrair ou fazer com que o tempo passe mais rápido.

O papel do pedagogo é realizar um trabalho educacional e estimular o ensino-aprendizagem das crianças/adolescentes internos, minimizando assim os prejuízos futuros o tempo de internação pode acarretar. Ao se perguntar sobre o relacionamento com a família do aluno Hospitalizado, a professora disse de forma ‘harmoniosa’: “procuramos sempre envolver a família e os acompanhantes nas atividades propostas às crianças” (PROFESSORA).

Durante o período de observação e vivência foi possível perceber exatamente isso, que a relação estabelecida entre os professores e os familiares dos alunos internos é boa. E isso é fundamental tanto para o emocional como educacional do educando, pois essa relação permitiu que houvesse uma ligação maior entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem da criança/adolescente hospitalizado, auxiliando-o nesse momento difícil e por vezes incompreensíveis da relação saúde-doença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há necessidade de se avançar muito ainda na compreensão de que os profissionais da educação em centros de ciência devem se envolver não somente na criação das ações, mas na pesquisa e avaliação das mesmas, além de conhecer e participar das diferentes dimensões institucionais, no caso, aqui, o hospital. Este espaço não formal como outros precisa aparecer no cenário das discussões quando se fala em direito à educação.

É importante ressaltar a importância dos espaços de educação para a construção de uma cultura científica trabalhando com um conjunto na sociedade. Destacamos também a dificuldade para se formar profissionais que tenham interesse em atuar nesse campo de educação mais amplo, mesmo que algumas diretrizes apontem para a necessidade do licenciado em pedagogia nas classes hospitalares.

A Pedagogia Hospitalar é um novo campo de atuação para o pedagogo, exigido que sua atuação no ambiente hospitalar seja muito mais que um educador, pois o ambiente de educação informal requer um profissional ainda mais reflexivo, ou seja, um profissional com uma nova práxis educativa, objetivando um atendimento educacional que proporcione a continuidade da escolarização, por meio de atividades mais descontraídas e lúdicas, permitindo que o aluno esqueça um pouco de todos os traumas sofridos durante o período de hospitalização.

Grandes são os desafios e o caminho que a pedagogia hospitalar e sua ação precisa percorrer, uma vez que apesar de ter começando há muito anos, pouco se ouve falar e poucos são os estudos e pesquisas na área.

Conclui-se ainda que o professor/ pedagogo necessita ter uma atuação maior nas instituições hospitalares, pois podemos concluir sua importância nas intervenções observadas no Campo juntamente com a equipe multiprofissional.

Percebemos também que o professor tem seu lugar de atuação desde que possamos compreender sua intervenção pedagógica, por meio de sua identidade profissional e seu lugar dentro de variadas atividades envolvido no processo educacional. É na intenção de ampliar os estudos e análises na área do espaço não escolar, que essa pesquisa se fez e faz tão necessária, servindo de base a futuras pesquisas sobre a temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei Nº 13.716**, de 24 de setembro de 2018. Brasília, 2018. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm. Acesso em: 18 jun 2021

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8.069 de 13 de Julho de 1990. São Paulo, 1995

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Educação não-formal. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/thesaurus.asp?te1=122175&te2=122350&te3=37499>>. Acesso em: 7 mai. 2018.

BRASIL. Lei nº. 11.184 de 21 de março de 2005. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/_quadro.htm>. Acesso em: 11 mai. 2018.

BRASIL. **Resolução n. 2/01/2001**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/lress2_01.htm>. Acesso em 4 mai. 2018.

Cadernos de Instruções do Censo Escolar. Ministério da Educação/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Brasília, 2014. _
Microdados da Educação Básica/Censo Escolar 2013. Ministério da Educação/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Brasília, 2015

CALEGARI-FALCO, A.M.C. Trabalho docente hospitalar. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM, p. 1-

CALEGARI-FALCO, Aparecida Meire. O Processo de formação do pedagogo para atuação em espaços não- escolares: em questão a Pedagogia Hospitalar. 2010. 245f. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2010.

CNES. Hospitais no Brasil. Cadastro Nacional de Estabelecimento de Saúde, 2015. Disponível em: http://www.cns.org.br/links/DADOS_DO_SETOR.htm. Acesso em: 13 maio. 2015.

_____. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. 2001. Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

_____. Decreto-lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del1044.htm>>. Acesso em: 4 mai. 2018.

FONSECA. Eneida Simões. Atendimento escolar no ambiente hospitalar. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. , 4º. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.176p.

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. A teoria gardneriana e a problemática da educação: desafio para a formação de professores. In: CORRÊA, Ayrton Dutra; NUNES, Ana Luisa Ruschel. (Orgs). Santa Maria: UFSM, 2006. p. 9-44.

_____. Resolução Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica - CNE/CEB nº 2, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

_____. Resolução Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica - CNE/CEB nº 4, 2001. <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf>. Acesso: 11 mai. 2018.

_____. Lei nº 11.104, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm>. Acesso em: 11 mai. 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGGIATI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. *Pedagogia Hospitalar*. Curitiba: Champagnat, 2001.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. *Pedagogia hospitalar: A humanização integrando educação e saúde*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Resolução nº 41 de outubro de 1995**. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Disponível em: <<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacaosaude/classeshospitalares/WEBLEGISLA%C3%87%C3%83O/resolucao%20n%C2%BA%20%2041%201995.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2018.

RODRIGUES JANINE. *Classes Hospitalares: espaço pedagógico nas unidades de saúde*. RJ.WAK Ed. 2012.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial (SEESP)*. Brasília: MEC: SEESP, 1994.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 6. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1999

SAVIANI, Demerval Saviani. *Pedagogia: O espaço da educação na universidade*. Disponível em: Acesso em 25 nov 2019

SCHILKE, Ana Lúcia T. Caminhos e descaminhos da Classe Hospitalar: buscando compreender os projetos educativos em disputa. In: MATOS, Elizete Lúcia M.; TORRES, Patrícia L. **Teoria e Prática na Pedagogia Hospitalar: novos cenários e novos desafios**. Manaus: acesso, 2019

ANEXO A – OBJETIVO DA PESQUISA

Pesquisa intitulada: **A Pedagogia Hospitalar e o Desenvolvimento Integral da Criança-Paciente**, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), a qual tem os seguintes objetivos:

1.1. Objetivos Gerais:

- Compreender a importância do pedagogo no âmbito hospitalar para o desenvolvimento da criança-paciente.

1.2. Objetivos Específicos

- Caracterizar as classes hospitalares existentes nos hospitais infantis de Manaus.
- Entender o papel do pedagogo (a) no ambiente hospitalar;

Agradeço a colaboração.

Pesquisadora – Jhalian Ester Fernandes de Souza

ANEXO B – PERGUNTAS DA ENTREVISTA

1- Identificação:

Nome: _____

Idade: _____

Local de atuação na Classe Hospitalar:

Formação na Graduação e especialização:

2- Você teve formação específica para atuar na Classe Hospitalar? Qual? Onde?

3- Você pode relatar como foi encaminhado para a Classe Hospitalar?

4- Você poderia dizer como funciona o atendimento envolvendo, o professor da Classe Hospitalar, o professor do ensino regular e o estudante atendido nessa modalidade de atendimento? Ou outros profissionais?

5- Você pode relatar como ocorre o desenvolvimento do trabalho pedagógico com criança ou jovem hospitalizado? (Recursos utilizados, espaços que ocorre o apoio, conteúdo, registro, tempo do atendimento)?

6- Você recebe algum tipo de apoio / incentivo para atuar para o desenvolvimento do trabalho na Classe Hospitalar?

7- Quais as barreiras e desafios são encontrados para o trabalho pedagógico na Classe Hospitalar?